

## **GRAFITE E SUAS IMPLICAÇÕES EDUCACIONAIS**

*Eliana Crispim França Luquetti* (UENF)  
[elinaff@gmail.com](mailto:elinaff@gmail.com)

*Bárbara Viana Villaça* (UENF)  
[babivillaca@gmail.com](mailto:babivillaca@gmail.com)

*Vanessa de Castro Bersót Pereira* (UENF)  
[vanessabersot@hotmail.com](mailto:vanessabersot@hotmail.com)

*Iago Pereira dos Santos* (UENF)  
[iagoreisd@gmail.com](mailto:iagoreisd@gmail.com)

### **RESUMO**

O presente trabalho tem por principal objetivo, repensar o ensino do grafite nas escolas, mostrando que ele pode ser muito mais bem aproveitado, a fim não só de dizer que pichação, que normalmente é o que os alunos sabem fazer, é ilegal e errado e que apenas o grafite é arte. O ensino do grafite nas escolas como vemos propor engloba mais conceitos e abrange uma gama ainda maior de aprendizagem e associações aos alunos, aproveitando as questões sociais, religiosas, etimológicas levantadas pelas mensagens através delas transmitidas, a fim de despertar interesse, senso crítico, social, ampliando repertório e estimulando o respeito à diversidade e à compreensão da liberdade.

**Palavras-chave:** Ensino do grafite. Pichação. Arte. Educação.

### **1. Introdução**

Todas as civilizações deixaram algo que nos servem como referência para investigar o que ocorria naquela época (MARCONDES, 2003) e, nesse aspecto os registros feitos pelos povos antepassados mostram de onde viemos e como evoluímos e mudamos, assim passando a ser imprescindível o aprendizado de leitura do espaço. Considerando que o espaço não é um quadro neutro, um vazio matemático, ou algo inerte (VÉRAS, 2000), e sim um espaço que reflete a sociedade, sua história, diversidades, culturas etc.

Nesse sentido, a leitura das escritas urbanas, principalmente das pichações e do grafite, desperta um olhar voltado ao contexto em que a

comunidade está inserida, o que revela que o ensino de leitura de imagens, principalmente as urbanas pode ser instrumento de formação cidadã e de construções de identidades como reconhecimento sociocultural no ambiente em que vive.

O grafite por ser uma expressão artística urbana, possui algumas características subversivas que causa algumas vezes a confusão com as pichações. O termo grafite, termo urbano, ou grafite como é popularmente conhecido em português, tem origem italiana, que consiste em uma técnica de incisão com ponta em superfície dura. Desenho, inscrição, assinatura ou afim, feito geralmente com tinta de *spray*, em muros, paredes e outras superfícies urbanas. Apesar do grafite ter origem nas pichações, não utiliza apenas de críticas sociais, mas busca a conscientização coletiva, a expressão, a afirmação cultural e comercial.

Esse estudo vislumbra entender como se deu o surgimento e a relação da sociedade com o grafite, além de estabelecer argumentos sobre os quais julgamos que no ensino de artes nas escolas pode ser mais efetivo no âmbito social e cultural quando for a questões associado e à arte contemporânea, principalmente a urbana como o grafite.

## **2. O grafite**

O grafite está fortemente associado ao espaço, ao território físico onde adquire visibilidade e ganha corpo. Este ganha sentido enquanto, mecanismo de propagação de mensagens na malha visível da cidade, mostrando-se a quem circula pelas artérias citadinas.

A territorialidade faz parte da substância e visibilidade da cultura grafite, é incorporada na prática e na identidade de quem o pratica. Uma abordagem das inscrições na cidade revela-nos que as ações correspondem, geralmente, ao rasto das suas passagens e dos seus circuitos habituais.

Caracterizado originalmente como uma arte marginal, um ato de vandalismo aos ambientes públicos, com o passar do tempo, muitos foram os praticantes do grafite que procuraram afastar-se dessa construção identitária já formada e a partir do desenvolvimento de novas técnicas e processos, onde cada vez mais era percebido uma maior elaboração e complexidade na execução das obras.

Atualmente, após seu conceito de marginal não ser mais o foco e um maior entendimento e aceitação acontecerem por parte do público, a reconhecimento a cerca do grafite no Brasil se expandiu nas grandes metrópoles, e depois de muitos impasses entre grafiteiros e gestores do poder público, podemos ver um processo de legitimação acontecendo. Nesse processo, buscamos uma valorização desse tipo de arte em iniciada em decorrência da dialética criada entre os habitantes de uma cidade e suas intervenções urbanas. Essa valorização é dada de tal forma, que o grafite alcança as galerias e museus, as campanhas publicitárias, tornando-se muito mais que lazer ou um hobby, uma profissão.

A arte de maneira geral, na sua história, surgiu como meio de comunicação, como forma de expressão dos povos mais antigos. Desta maneira percebemos que as civilizações utilizavam da arte para mostrar, criticar ou provocar alguma coisa aos seus espectadores. Sendo o grafite, o resultado de inúmeras experiências de criação e uma arte que atinge a um número enorme de pessoas, podemos pensar na enorme subjetividade gerada e tem conquistado cada vez mais o seu espaço e mais visibilidade, já que pessoas e grupos, através de diferentes processos criativos, onde expressam através de imagens e textos sua imaginação nos muros das cidades.

Percebemos, então, que o ensino do grafite nas escolas pode ser muito mais bem aproveitado, a fim não só de dizer que pichação, que normalmente é o que os alunos sabem fazer, é ilegal e errado e que apenas o grafite é arte. O ensino do grafite nas escolas como viemos propor engloba mais conceitos e abrange uma gama ainda maior de aprendizagem e associações aos alunos, aproveitando as questões sociais, religiosas, etimológicas levantadas pelas mensagens através delas transmitidas, a fim de despertar interesse, senso crítico, social, ampliando repertório e estimulando o respeito à diversidade e à compreensão da liberdade. É importante realçar que este trabalho busca a articulação do conhecimento popular com o conhecimento científico.

### **3. *O grafite no Brasil***

No Brasil, a cidade de São Paulo no final dos anos de 1980 se tornou o terreno mais fértil para a propagação do grafite, por ser uma capital de grande porte, com inúmeros eventos culturais o grafite acabou conquistando seu espaço entre os muros das principais avenidas, esses locais se transformaram em verdadeiros murais urbanos, com a presença de di-

ferentes estilos, em decorrência destas características Celso Gitahy acrescenta:

Vinte e duas horas e vinte e sete minutos do dia 9 de março de 1979. Um homem magro, cabeludo, trajando sobretudo escuro, atravessa a Avenida Ipiranga empunhando nas mãos trêmulas uma lata de *spray* vermelho-fogo. Seu olhar atento avista um muro bem pintado de branco. Observa a sua volta e, supondo-se sozinho, tão rápido quanto o pensamento, surge naquele muro ‘Ah Ah BEIJE-ME’ ao lado de uma enorme boca aberta, carnuda, exposta, lembrando uma puta. Ao tampar a lata para deixar o local, olhando para os lados, leva um grande susto, pois, quase do nada, um homem pequeno e extremamente rápido já havia grafitado ao lado da bocarra uma intrigante botinha preta, cano alto e salto agulha. Quando o segundo dobrava sua máscara (molde vazado sobre o qual se aplica tinta *spray*) é que percebeu a presença do primeiro. Entreolharam-se e falaram quase ao mesmo tempo: “Ah, então é você?” (GITAHY, 2012, p. 50)

O primeiro artista acima citado, era Hudinilson Júnior, que se juntou a mais dois outros, formando assim, o grupo **3nód3**, que tinha por objetivo principal intervir de forma significativa na paisagem urbana. Eles queriam oferecer à cidade uma nova versão do espaço urbano, uma arte popular e viva. (GITAHY, 2012)



**Fig. 1: Botinha de Alex Vallauri**

Fonte: <<http://redkenbrasil.com/br/tag/alex-vallauri>> Acesso em: 17-09-2014

A saber, o precursor do grafite no Brasil era Alex Vallauri (da botinha) e no início de seu trabalho, seu “grafite” era simples, porém com o passar do tempo foi se aprimorando em detalhamento, cor, conceito e plasticidade. Na década de 1970, o artista começou a intervir no concreto paulistano com uma imagem que ficou conhecida no imaginário da cidade: a Bota Preta. A bota representava uma moça, que sempre passeava

pela cidade, a bota se tornou um ícone. “Feita a partir da *stencilart*, que usa máscaras ou moldes com *spray* para dar forma a desenhos de rápida assimilação”. (BARROS, 2012, p. 19)

Foi descoberto ficou famoso e foi convidado pela imprensa a participar de algumas bienais em São Paulo, além de muitas exposições em diversas galerias. (GITAHY, 2012).

Na década de 1970, em São Paulo, Alex Vallauri desenvolve uma linguagem gráfica evocativa da *pop art*, elaborando xilogravuras de grandes dimensões que ganham o espaço público. Objetos e o corpo humano, ou fragmentos dele, são temas privilegiados dessas intervenções.

Barros expõe: “A obra acima foi acrescentada uma luva preta apontando; depois óculos escuros estilo anos 50; na sequência, um biquíni de bolinhas; e finalmente, surgiu uma bela mulher latina” (BARROS, p. 20, 2012).

Diante dessas alterações, a bota foi despertando curiosidade e mistério durante a década de 70. Depois surgiu o grafite da mulher como frango assado. Assim, ela ficou conhecida como “Rainha do Frango Assado”, feita em tamanho natural com maiô de pele de onça (GITAHY, 1999).



Figura 2: Bota com alterações de Alex Vallauri

Fonte: <<http://virgula.uol.com.br/diversao/dia-nacional-do-graffiti-homenageia-pioneiro-alex-vallauri-arte-e-cada-vez-mais-valorizada>>. Acesso em: 17-09-2014.

De acordo com a figura acima, pode-se confirmar o ícone que a botinha se tornou na cidade de São Paulo, qualquer pessoa que andasse pelas ruas no fim da década de 1970, certamente se depararia, em algum momento, com o desenho de uma bota de salto alto em um muro qualquer, pois essa, era a marca registrada de Alex Vallauri. Não somente o renomado artista Alex Vallauri, como também vários outros artistas passaram a utilizar da cidade como suporte para suas obras, entre eles, Waldemar Zaidler, MuricioVilllaça e Carlos Matuck (WEBSTER, 1992).

Com a morte de Alex Vallauri em 26 de março de 1987, seus amigos resolveram homenageá-lo grafitando o túnel da Avenida Paulista. “Essa data tornou-se o Dia Nacional do grafite. Neste dia, todos os anos, acontece o mesmo ritual pela cidade: pela ação de bandos e em vários pontos da cidade, o *Graffiti* surge” (GITAHY, apud BARROS, p. 20, 2012).

Segundo Celso Gitahy:

Outro artista é Rui Amaral que começou na segunda metade da década de 70. É responsável pelos maiores grafites da cidade, entre eles o da Avenida Doutor Arnaldo com Paulista. Seu personagem mais conhecido é o Bicudo, um serzinho extraterrestre com enorme nariz tocando guitarra que acabou virando desenho animado. (GITAHY, p. 20, 2012)



**Fig. 3: Grafite de Rui Amaral (O Bicudo)**

**Fonte: <http://www.artbr.com.br/ruiamaral/> (acesso 17/09/2014)**

A figura acima representa o grafite do artista Rui Amaral, personagem Bicudo, ele tem uma produtora multimídia e coordena projetos de arte e educação voltados á valorização da cidadania junto à comunidades carentes.

Em consonância, nos EUA em 1980, junto com o movimento Hip Hop, o estilo americano, passou a ser conhecido por meio de camisetas e calças. “Mas foi só em 89, com os gêmeos Gustavo e Otávio Pandolfo, Speto, Binho, Tinho, o grupo *Aerosol*, que começou realmente em grande escala”. (BARROS, p. 21, 2012). As características do grafite norte americano são: desenhos mais elaborados e letras coloridas.

Com o passar do tempo o grafite veio conquistando grandiosamente seu espaço, porém foi na década de 80 que se firmou como linguagem reconhecida por muitos, enquanto isso já ocorria oficinas para futuros grafiteiros (GITAHY, 2012).

Desde então, o grafite foi se espalhando e conquistando novas atenções, novos olhares, despertando o carisma de muitas pessoas. “Ganhou lugar nas galerias, museus e exposições. Passou a ser aceito e admirado pela sociedade, exigindo, desta forma, a revisão legal desta prática artística” (BARROS, p. 21, 2012).

#### **4. O grafite como instrumento pedagógico**

Segundo o cientista e psicólogo Liev Semionovich Vygotsky, o desenvolvimento cognitivo do aluno se dá por meio da integração social, ou seja, da relação do indivíduo com os outros e com o meio em que está localizado. A integração entre os indivíduos então possibilita a geração de conhecimento através da experiência, a aprendizagem é uma experiência social, mediada pela utilização de instrumentos de linguagem e signos. Para acontecer a aprendizagem, o professor ou mediador deve utilizar estratégias para levarem os alunos a tornarem se independentes, estimular o conhecimento e estar atento a permitir que este aluno construa seu conhecimento em grupo.

Essas várias mudanças que aconteceram na sociedade e o grande volume de informações estão refletindo diretamente no ensino, exigindo que a escola não seja mera transmissora de conhecimentos, mas que proporcione um ambiente estimulante, que valorize o indivíduo e possibilite experiências para a aprendizagem significativa, motivada, crítica e criativa. Concordando com esse conceito segue um pensamento do psicólogo da educação David Paul Ausubel:

Se eu tivesse de reduzir toda a psicologia educacional a um único princípio, diria isto: o fator singular mais importante que influencia a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já conhece. Descubra o que ele sabe e baseie nisso os seus ensinamentos.

Henri Paul Hyacinthe Wallon, filósofo e psicólogo, propõe estágios de desenvolvimento, assim como Piaget, mas ele não é adepto a ideia de que o conhecimento do indivíduo aconteça de maneira linear e sim com os conflitos internos e externos aos quais é confrontado no decorrer da vida. Assim como Liev Semionovich Vygotsky, Henri Paul

Hyacinthe Wallon acredita que o social é importante, a linguagem e a cultura fornecem aos pensamentos os instrumentos necessários para evoluir. O desenvolvimento para ele não acontece de forma linear por isso sofre rupturas, crises e retrocessos.

Com as mudanças no mundo contemporâneo, a escola tem que proceder de modo a atender essas diversas exigências e promover a capacitação para toda a comunidade escolar. Tem o papel de adquirir e desenvolver espírito crítico, criatividade e autoestima dos alunos. Criar ambientes físicos estimulantes que favoreçam o trabalho em grupo, diferente e simultâneo.

A sociedade e a escola estão buscando um novo caminhar para a educação. Nos novos paradigmas da educação, uma prática importante é a construção do conhecimento, sendo valorizado o processo de aprendizagem e a poética pessoal, assim não precisa obedecer a um único padrão de estudo, a educação em arte muitas vezes é pioneira nesse aspecto. A arte é toda manifestação de cultura, seja através da música, dança, poesia, escultura ou pintura. Podendo ser produzida de diversas maneiras, a respeito de diferentes assuntos, manifestando emoções e ideias de seu autor e expectadores.

A arte na sua história surgiu como meio de comunicação, como forma de expressão dos povos mais antigos. Desta maneira percebemos que as civilizações utilizavam da arte para mostrar, criticar ou provocar alguma coisa aos seus espectadores. Mas, e hoje, o que é arte? Esse é um conhecimento por se definir, pois a própria produção artística questiona os conceitos já existentes sobre o que é arte. A partir deste questionamento surge um outro ainda mais importante para a compreensão da função do professor de arte na educação de uma maneira geral. Qual a função da arte na escola? Compreendemos que a escola tem a função de apresentar diferentes linguagens artísticas, materiais, suportes, técnicas e produções artísticas. Apresentar diversidade proporciona ampliação de repertório e experiência estética. Então entendemos a partir deste conceito como se dá dois dos maiores paradigmas da sociedade e com os quais os educadores, em geral, se deparam em salas de aula; o preconceito que se dá pela limitação de conhecimento de diversidade e a liberdade que vem a partir da possibilidade de escolhas.

Compreender esses dois pontos é um dos primórdios de entender a função e a importância do professor de artes, quando o indivíduo é apresentado a diferentes linguagens artísticas, materiais, suportes, técni-

cas e produções artísticas, maior é o seu repertório e mais experiência estética ele terá em relação ao mundo, o que possibilitará a compreensão e a não limitação de conhecimento da diversidade cultural, religiosa, étnica, social em que estamos inseridos e isso por consequência possibilitará que este indivíduo se torne livre, pois só é livre aquele que tem opções de escolhas.

No cenário contemporâneo, social e cultural da maioria das escolas públicas do Sudeste, vemos uma aproximação e uma forte influência da cultura norte-americana, não apenas pelas artes plásticas, mas também, através da música, dança, cinema, costumes, atitudes e padrões estereotipados os quais muitas vezes serve de “modelo” a serem seguidos pelas crianças e adolescentes. Vislumbrando essa cultura riquíssima e de fácil compreensão e aceitação pelos alunos, optamos pelo estudo e pela introdução ao estudo da arte através do grafite a fim de despertar interesse, senso crítico, social, ampliando repertório e estimulando o respeito a diversidade e à compreensão da liberdade.

Trataremos do grafite em sua expressão contemporânea e espacialmente localizada, que surge a partir de movimentos subversivos e de protesto dos anos 60, e continua presente nas paisagens urbanas, porem com novos contornos. O grafite tem conquistado cada vez mais o seu espaço e mais visibilidade, já que pessoas e grupos, através de diferentes processos criativos, onde expressam através de imagens e textos sua imaginação nos muros das cidades.

Sendo o grafite o resultado de inúmeras experiências de criação e uma arte que atinge a um número enorme de pessoas, podemos pensar na enorme subjetividade gerada. É possível observar, nas pinturas espalhadas nas cidades, que existe um tipo de imaginação livre de estereótipos, lúdica e criativa. Essa pluralidade imaginativa representa a diversidade, através deste modo de comunicação, para mostrar ao mundo de modo não oficial que é possível formar dentro de tanta diversidade, opiniões democraticamente.

Segundo Bakhtin (1997), imagens e textos são formas de comunicação e contém diversas vozes, e algumas são reflexos de uma coletividade. Quando palavras e imagens são gravadas em um suporte público, estas participam de um fluxo de pensamento de muitos indivíduos funcionando como diferentes vozes de um diálogo. As comunicações humanas deixam vestígios e fragmentos que podem ser utilizados em novos diálogos. Um único enunciado pode atualizar um passado histórico no seu discurso e, simultaneamente, remeter a fatos de um contexto presente como preocupações comuns, pontos de vista, experiências pessoais e coletivas dentre outros. (RINK, 2003. p. 21)

Na história da humanidade existem muitas espécies de representações pictóricas e gráficas em espaços urbanos, influenciado pelo momento histórico, social, cultural e tecnológico. E ainda hoje vemos em ambientes públicos e particulares das cidades diversos tipos de materiais imagéticos de importância e valor estético e social, cultural, de acordo com seu tempo e espaço, gerando produções artísticas de grande independência e identidade, segundo a afirmação de Renata “O grafite possui um forte teor discursivo, em que o sujeito-autor afirmar sua existência e expressa sua identidade ou simplesmente demarca sua territorialidade num espaço que lhe é possível”.

Considerando o surgimento do grafite que em seu sentido contemporâneo deu-se em meados do século XX, podemos considerar que ainda há muito espaço a ser conquistado, tendo em vista o fato de ainda está perdendo a nomenclatura e os estereótipos de uma arte marginal. Apesar desse preconceito, é considerada uma das mais importantes linguagens visuais dos jovens e dos panoramas urbanos. Afirmava Paulo Freire (1979) que, antes da leitura da palavra, está a leitura do mundo. Assim, a bagagem de conhecimentos de mundo que os estudantes carregam é essencial e indispensável para a sua própria formação. É necessário, portanto, não desconsiderar a visão de mundo dos estudantes e a percepção deles quanto ao espaço escolar e a presença dos grafites nos muros de sua escola, pois a leitura de mundo que eles possuem pode contribuir para o trabalho pedagógico dos docentes.

O grafite abre novos horizontes, chega trazendo um novo caminho, uma nova fonte de interesse, um novo jeito de pertencer, de ser valorizado, principalmente com o adolescente que está com a identidade ambígua, confusa. O *graffiti* é poderoso com os adolescentes, é uma linguagem artística com uma força muito própria. Com ele surge a possibilidade de se construir algo criativo, ao mesmo tempo em que se começa a desconstruir a linguagem da pichação. O *graffiti* é contextualizado, ele tem um contexto de ação, tem toda uma linguagem muito singular. A criança e ao adolescente passam a fazer escolhas. (BERDOIAN & MENEZES, 2008, p. 72)

Dessa forma, podemos identificar o grafite como um objeto pedagógico de muita importância para contextualizar e inserir os alunos junto aos professores, proporcionando possibilidades de realizar um trabalho pedagógico que aproveite o grafite e as questões sociais, religiosas, etimológicas levantadas pelas mensagens através delas transmitidas.

O grafite é um tipo de expressão que não é programada academicamente, nem estruturada para pertencer a uma organização urbana, assim ela toma uma liberdade e se torna elemento vitalizador do corpo so-

cial, estimulando novos saberes e fazeres para a vida coletiva. Até existe uma tendência, a provocar uma quebra na estética cultural dominante, a fim de romper a lógica de ordenação e de controle do sistema social. Podemos então utilizar s grafiteiros e suas produções como fonte de reflexão sobre os ambientes urbanos, pois as imagens contidas nas produções estimulam a subjetividade que transforma o imaginário social.

Nas escolas, chama a atenção o grande número de inscrições e desenhos presentes principalmente, nas paredes e portas. As escolas ficam completamente estilizadas por esse tipo de grafia, que também são realizados nos cadernos, na própria pele, vestuário e objetos de uso pessoal dos alunos. O assunto pichação e o grafite, no entanto, é pouco tratado, apesar de algumas edições de livros didáticos de arte, dedicam uma parte ao tema. De um modo geral, o conteúdo apresentado é atualizado com fotografias de grafiteiros nacionais e internacionais. Apesar de mostrar a origem do grafite, muitas, na maioria das vezes, trazem um discurso categórico e taxativo em relação as pichações o que acaba fomentando ainda mais a revolta dos alunos que não se identificam com o ambiente escolar. Através do seguinte discurso, por exemplo, “Mas não confunda grafite com pichação. Grafite é uma arte. Já a pichação, em geral, constitui uma forma de protesto e, em muitos casos, é vista como uma forma de vandalismo”. (HADDAD & MORIN, 2009, p. 66)

Percebemos então que o ensino do grafite nas escolas pode ser muito mais bem aproveitado, a fim não só de dizer que pichação, que normalmente é o que os alunos sabem fazer, é ilegal e errado e que apenas o grafite é arte. O ensino de grafite nas escolas como viemos propor engloba mais conceitos e abrange uma gama ainda maior de aprendizagem e associações aos alunos.

A territorialidade está diretamente ligada com a identidade do indivíduo. O espaço pode refletir o que os indivíduos ocupantes dele pensam e vivem, levando em consideração a sua cultura e os seus costumes. O grafite possui teor discursivo, de protesto, de afirmação cultural ou de expressão de sua identidade. Portanto, o grafite, mediante seus signos visuais, expressa os anseios, a opinião e a percepção da realidade, através dos quais os indivíduos relacionam o pertencimento à territorialidade e à identidade cultural.

## 5. Conclusão

A pesquisa teve como foco o elemento grafite através da sua mensagem, esta expressão artística que atinge o contexto urbano, por meio da sua intervenção direta nas paisagens contemporâneas modificando de forma espontânea, a estética dos ambientes. Esse movimento tem em sua configuração composição de desenhos de diversas formas e tamanhos e em diferentes estilos, em diversos lugares e objetos possíveis, deixando de compor apenas a cena urbana e abrangendo também as galerias e produções voltadas para o mercado de produtos.

Percebemos que o ensino do grafite nas escolas, como viemos a propor, trata desta manifestação artística com mais conceitos e de uma maneira informal que proporcionará a aprendizagem e associações aos alunos, aproveitando as questões sociais, religiosas, etimológicas levantadas pelas mensagens através delas transmitidas, desenvolvendo senso crítico, social, ampliando repertório e estimulando o respeito à diversidade e à compreensão da liberdade, além de utilizar desta linguagem para buscar o interesse das pessoas em diferentes tipos de arte e para conhecer outros movimentos artísticos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSUBEL, David Paul et al. *Psicologia educacional*. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.
- BARROS, Ana Carolina Fonseca de. *Graffiti: da margem à cena profissional. Estudo do artista urbano Trampo*. 2012. TCC (Graduação). – Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Porto Alegre.
- BERDOIAN, Graziela; MENEZES, Kátia. *Por trás dos muros, horizontes sociais do graffiti*. São Paulo: Peirópolis, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- GITHAY, Celso. *O que é graffiti*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- HADDAD, Denise Akel; MORBIN, Dulce Gonçalves. *A arte de fazer arte* – 9º ano. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

LOPES, Joana Gonçalves Vieira. *Grafite e pichação: os dois lados que atuam no meio urbano*. Brasília. 2011. TCC (Bacharelado em Comunicação Social). – Universidade de Brasília, Brasília.

MARCONDES, Marli. *Imagens coletivas: fotografia e arquivos públicos*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

RINK, Anita. *Graffiti: intervenção urbana e arte. Apropriação dos espaços urbanos com arte e sensibilidade*. Curitiba: Appris, 2013.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. *Traçando olhares: uma introdução a construção à sociológica da cidade*. São Paulo: STUD NOBEL/Educ, 2000.

VYGOTSKY, Liev Semionovich. *Psicologia pedagógica*. Porto Alegre: Artmed. 2003.